

Resenha

O RETORNO DE ALUNOS DEFICIENTES VISUAIS AO ESPAÇO DA ESCOLA ESPECIAL. AFINAL: COMO CAMINHA A INCLUSÃO?

Lucia Maria Filgueiras da Silva Monteiro

Esta resenha originou-se da dissertação do curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), defendida em maio de 2003.

O tema da inclusão desperta e aquece, cada vez mais, as discussões sobre a escola, o ensino e a educação de pessoas com necessidades educativas especiais. Em princípio, isto vem acontecendo pela falta de estudos que aprofundem a questão, levando em consideração tanto as especificidades de cada deficiência, bem como a realidade da escola brasileira, que ainda sofre nos dias atuais reflexos da política educacional a ela destinada.

Deste todo a ser incluído, que abrange, além dos deficientes, outros grupos estigmatizados, tais como: crianças de rua, crianças que trabalham, crianças de população remota ou nômades etc., destacaram-se para esta pesquisa crianças e jovens deficientes visuais.

Procuram-se ouvir estes alunos, hoje, matriculados no Instituto Benjamin Constant - IBC, escola federal especializada na educação de deficientes visuais e centro de referência nacional para assuntos específicos desta clientela, falando sobre suas trajetórias escolares em escolas do ensino regular, tentando captar, em suas falas, fatos relevantes desse período no qual conviveram em salas de aula com alunos sem deficiências, denominadas classes inclusivas.

O intuito da pesquisa foi colaborar com a proposta de educação inclusiva a partir das considerações dos principais interessados na mesma, ou seja: os próprios deficientes visuais. Assim, procuram-se contextualizar as questões que cercam a temática, considerando como importante para este fim o aprofundamento das representações sociais de deficiência, de deficiência visual, da educação dos deficientes visuais e de como a escola percebe este fluxo de alunos. Estuda-se também a questão da escola como instituição, aprofundando-a, no intuito de fazer uma ponte com as representações sociais de deficiência visual dos docentes.

Abordam-se, também, as teorias sobre inclusão e discute-se a formação de recursos humanos para a realização satisfatória da proposta.

Como temas abordados na pesquisa de campo destacam-se dentre outros: o material didático, a postura favorável do professor em sala de aula para receber o aluno deficiente visual, a opção deste aluno pela escola especial ou

regular, o papel da família, as dificuldades escolares, e as questões de repetência, defasagem idade - série em ambas as escolas (especial e regular) e o relacionamento social no espaço escolar .

Conclui-se que está muito claro para os alunos deficientes visuais, que seu ensino depende de uma adequação de métodos, técnicas e materiais que favoreçam a compreensão dos conteúdos. Esta eqüidade com os demais estudantes depende e muito da escola e principalmente dos docentes. *Ressaltando-se aqui que os conteúdos são os mesmos e que o ensino para os deficientes visuais não exige adaptação curricular e sim adequação didática.* Fica evidente, também, que a proposta de inclusão deve garantir a liberdade de escolha pela escola que mais se aproxime do ideal de cada indivíduo, seja ele deficiente ou não. Uma escola comprometida com o produto de seu trabalho e não, rotulada como parte deste ou daquele processo ou viés educacional.

A pesquisa utilizou como referencial teórico Bordieu e Dürkheim, e utilizou-se do método de história de vida e questionários. Os sujeitos foram 32 alunos de quarta a oitava série matriculados no IBC tendo como pré-requisito a passagem anterior pela escola regular.

A dissertação está disponível até o momento nas bibliotecas da UFRJ, FAPERJ e IBCENTRO.

Lucia Maria Filgueiras da Silva Monteiro é Mestre em Educação (UFRJ), Especialista em Alfabetização de Deficientes Visuais (UNIRIO) e em Educação Física para Deficientes Visuais (UFRJ). Professora do Instituto Benjamin Constant.